Não se apresse em perdoar. A misericórdia também corrompe.
— Nélson Rodrigues

Os lugares por onde Leo passa são inexistentes e,
ao mesmo tempo, metáforas para todos os sítios
de Portugal onde existem *lobos no quarto*.

Para o avô Ricardo,
eterno.

Para os meus coelhos,
Lurdinhas, Lenin e Carlitos,
que me salvaram a vida.

It's an Omen
It's an Omen
It's an Omen

(The Prodigy – *Omen*)

Leo sentia vontade de chorar, sabendo que poderia ser por qualquer motivo sem, no entanto, determiná-lo. Passou a mão pelo cabelo de Daniel. Compreendia que a vontade de chorar vinha de um pressentimento. Era ótima com eles: antecipava os acontecimentos à flor do coração, mas nunca os adivinhava. Portanto, sofria no antes para sofrer ainda mais no depois. No fundo da cama, deslizou, quase de joelhos. Parecia trôpega. Fechou a janela, porque entrava uma aragem desagradável, e sentiu, sem o ter percebido antes, que estava com os pés nus sobre o chão gelado. Procurou esconder-se no corpo de Daniel. O aconchego da pele morna e macia fê-la acreditar na simplicidade da vida. Os ruídos da tranquilidade do campo sacudiam-se nas pontas das árvores, agitadas pelo vento.

O telemóvel tocou pela primeira vez naquela viagem. Ao início, um vibrar, seguido de uma música que já era altura de trocar. A língua quente enrolava-se: os pressentimentos vinham sempre assim. Leo esfolou a pele nos lençóis e correu até à carteira. Desconhecia o número, porém o indicativo era, infelizmente, familiar. Poderia ignorar como se ignoravam as perguntas evanescentes da noite. Ainda assim, sem que o cérebro acompanhasse o movimento da mão, atendeu.

— Sim? — Sentiu o chão em desequilíbrio.

— Leozinha… — soprou uma voz antiga. Há muito que não a chamavam assim. — Atendeste… pensei que não fosses… — Tossiu espaçadamente. — Como estás, pequena? Há tanto tempo… — Chupou um cigarro, libertando o fumo com vagar.

Reconheceu a voz. Ao desequilíbrio do chão juntava-se um aperto na boca do estômago.

— O que se passa? — Não queria prolongar-se no passado. Aquelas pausas, aquele sossego, aquela resignação causavam-lhe tonturas. — Estou ocupada…

— O teu pai, Leozinha… — Engasgou-se, demorando uns segundos para completar a frase. — Está a morrer.

Mais uma vez, carregava o peso de ser a única. Proibiu-se de se punir. A força centrífuga da melancolia lutava com o rosto de nariz empinado. Pensou na cantilena do avô.

Ahan-ahan-ahan-que ela é muito pequenina.

— Cancro terminal — concluiu. — Os médicos dizem que não dura muito… — Outra baforada. — Tinhas de o ver, Leozinha... Nem parece o mesmo. Tão magrinho…

Amores-perfeitos não existiam.

Apenas rosas com espinhos.

Ou cravos que murchavam.

Sentia-se metafórica, do nada. Diria coisas que ninguém compreenderia. Murchava aos poucos. Era uma noite de rescaldo, em que as cinzas do seu eu-menina voavam, ainda quentes e negras.

— Tens de vir, Leozinha. Ele precisa de ajuda. Já nem consegue cozinhar. Eu tento… mas ele enxota-me.

Começou a chover, um tamborilar da água nas gavetas das janelas, como forma de o céu mostrar que também chorava com os desígnios tristes dos outros. Leo fungou, debandando os olhos em direção a Daniel que, atento aos seus movimentos, percebeu que havia qualquer dor macerada nela. Trocaram alguma ternura à distância e Leo concentrou-se, por fim, na resposta.

— Não tenho como ir. Trabalho — mentiu, por instantes, temendo que o passado refreasse as suas emoções ao ponto de não se reconhecer na forma apática como falava.

O lume agarrava-se às raízes e comia a lenha quando menos se esperava. Sentia-se incendiada, com todos os perigos que isso representava, mulher semelhante às árvores fundidas por todos os incêndios desse verão. Aguardou por mais uma baforada do cigarro longínquo e adivinhou

a tosse seca que se seguiu. Trocou a posição dos pés e suspirou. Não queria cair naquele poço novamente. Libório, o porco de estimação, dormia a um canto, com a tranquilidade de uma vida para sempre.

— Mete uma licença… Podes, sabes? Conheço quem não ponha os pés no trabalho há semanas… diz que é para cuidar da mãe, mas, às vezes, a mãe liga para o trabalho a perguntar pela filha. Uma pouca-vergonha, é o que é! — Afastou os lábios do bocal e o tom baixou de volume. — Seja como for, consegues vir uns tempos, Leozinha. Basta quereres.

Pois bastava querer e não queria. Preferia continuar na sua vida atual, mais completa pelo reencontro com Vitória e pela presença de Daniel. De repente, sentiu necessidade de desligar e afastar-se daquilo; quiçá fingir que nunca acontecera. Tinha uma testemunha, era certo, mas ele compreenderia, uma vez que já lhe conhecia os segredos.

— Preciso de ir agora… — murmurou sem certezas de que ela a ouvia. — Depois falamos. Preciso de pensar para decidir qualquer coisa.

— Não demores, Leo — A voz rápida e bem diluída fê-la arrepiar-se. — Pode ser tarde demais.

Distinguiu uma preocupação em Daniel ao pousar o telemóvel na pequena mesa de cabeceira. Não ousou dizer nada, porque tinha as palavras embrulhadas na língua, numa espécie de caldo grosso que teimava em não descer. Vestiu-se calmamente e ele decidiu-se pelo mesmo, sabendo que a conversa ficaria para depois e que algo de grave adejava no rosto de Leo. Permitiu-se a um abraço ligeiro, apenas toques de pele, e ofereceu-lhe um sorriso que poderia apaziguar alguma coisa, embora ela estivesse distraída no seu interior. Despediram-se às pressas, meios vocábulos e olhares escassos, quase de vergonha. Leo empurrou-o como que a pedir um bocado de solidão. Ele entendeu e foi ao encontro de alguns pedaços de madeira que precisavam de ser cortados. Ela ficou no quarto.

Era, novamente, *uma menina no quarto*.

Consumida.

Caminhou de forma cega, sem nada ver, sem nada sentir, mas sentindo tudo de forma tão visceral que podia vomitar. Trancou-se na casa de banho e respirou como quem sabia que iria morrer.

I
O Regresso

2017
Agora...

I

I will not kiss you
'Cause the hardest part of this
Is leaving you

(My Chemical Romance — *Cancer*)

Na casa de banho, sentada na sanita, mudou o penso das cuecas.

Lembrou-se, subitamente, do dia em que tivera a menarca. Ia a sair de casa quando Lina, a vizinha, exatamente com o mesmo tom de voz que usara na chamada anterior, a intercetara com uma frase que nunca esquecera: *Estás toda suja de sangue*. Só tinha nove anos e os adultos estavam distraídos com as notícias. Os armazéns Grandella ardiam, na Rua do Carmo, em Lisboa, destruindo prédios e terrenos. Assim que ouvira aquela profecia, escondera-se em casa. Percebera que ardia em febre. O fogo a consumi-la; o fogo a consumir prédios. Os seus dias importantes sempre marcados por acontecimentos nacionais ou internacionais. Seria sempre assim, era quase premonitório. Por isso, era tão obcecada por notícias mediáticas e tinha seguido jornalismo, alimentando-se das tragédias dos outros para não refletir sobre a própria dor. Naquele dia, depois de vestir cuecas lavadas e de colocar um absorvente, percebera que a cadela a cheirava entre pernas e pensara: *Será que os animais são mais inteligentes do que as pessoas e descobrem as coisas mais facilmente*? Durante o resto de vida daquela cadela, desejara que ela *o* cheirasse e latisse qualquer coisa como:

Pecador!

Nojento!

Criminoso!

Ladrão de infâncias!

Levantou-se da sanita, afastando aqueles pensamentos, e lavou as mãos. Assim que fechou a torneira soube que começaria a gotejar. Uma prolongação da tempestade que se adivinhava na humidade do seu peito. Passou as mãos molhadas na cara, por uma última vez, e estranhou-se ao espelho. Conseguia reconhecer-se na normalidade dos dias, mas havia qualquer coisa de diferente em si. Sentia-se mais bonita; por muito estranho que pudesse parecer, o silêncio de quem chorava baixinho espelhava-se em cada puxão de ruga. Sentia-se lavada, era isso.

Envolveu-se numa manta tão velha quanto o seu estado de espírito. Um copo de vinho parecia ser uma boa opção para aquele momento. Não diria a Daniel o que se passava, mas tinha de tomar uma decisão. Caminhou até à cozinha, sem o encontrar, no escuro que antecedia o cair da noite, e escolheu uma garrafa qualquer, servindo-se no cálice maior. Sentia-se transida de dor. Interrompeu os pensamentos para organizar as possibilidades de viagem — outra viagem; uma viagem bem pior. Ou as probabilidades. Eram tão poucas, tão invadidas das tristezas antigas, e ainda frescas como uma ferida em greta. Daniel martelava lá fora, embora chuviscasse. Até nisso era especial: atento às solidões necessárias. Lembrou-se de Vitória. Seria uma boa conselheira naquela situação, mas preferiu a familiaridade de Cláudio. Depois enviaria uma mensagem à amiga.

Agarrou no telemóvel, o mesmo que momentos antes a presenteara com a pior notícia que podia receber. Não a doença do pai — isso servira quase como gelo a escorrer pela sua pele, uma anestesia — mas a necessidade da sua presença no final de vida.

— Amiga…. Que se passa? Disseste que só ligarias numa urgência.

— O meu pai…

— O que foi que esse…

— Está a morrer. Ligou-me a vizinha. Pediu-me para ir cuidar dele — soltou, de ímpeto, como se libertasse uma confissão, não se sentindo mais leve.

— Que morra… — A frase saiu-lhe honesta.

Leo quase riu. Fora esta frescura de Cláudio que, muitas vezes, a salvara do choque dos dias, sendo o único que, durante muito tempo,

soubera o que se passara com a amiga. No entanto, naquele momento, assemelhava-se a uma trágica comédia sem graça.

— Desculpa… — refreou os ânimos. — Está a morrer de quê? — Tinha uma certa indiferença na voz.

— Cancro. Terminal, parece-me…

— Vá lá que desta vez não foi aos bons — suspirou, percebendo que deveria moderar as opiniões que não ajudavam em nada. — E, então, já decidiste?

— Não sei, amigo…

Sangrava de dentro, como se fosse feita de barro. Das profundezas da alma corria um choro fininho que não se compatibilizava com o rosto quase sereno, de profunda meditação. Naquele instante, Libório empurrou a porta mal fechada da cozinha e encarou-a. Os olhinhos tímidos pareciam compreender o labirinto em que Leo se encontrava.

— Faz o que achares melhor. Sei que vais optar pelo mais correto, mesmo que não seja o mais justo… — lamentou Cláudio. — Sabes o que isso quer dizer.

Ninguém riu, mas havia uma oportunidade de riso mórbido suspensa no ar. Leo sacudiu algum cotão da camisola e murmurou qualquer coisa. Era fácil de compreender que a decisão de ir estaria tomada mesmo antes de ter conhecimento da notícia. Por muito que lhe custasse aquele regresso ao passado, custaria ainda mais remoer nos «ses» que circulariam dali em diante. Não podia fugir da realidade nem da fatalidade de ser filha de quem era. Fez uma festinha a Libório.

— Tens razão. Já decidi… — As palavras foram ditas com naturalidade.

— Quando vais? — perguntou Cláudio, impenetrável nos seus julgamentos.

— Vou ver… organizar-me… mas o mais rápido possível, para não desistir — Parecia tudo tão complicado quando colocado assim.

— Se precisares de ajuda, já sabes.

— Sei. Obrigada. Vou desligar. Não me sinto muito bem — Formava-se uma grande bola de vómito.

— Entendo. Descansa e liga-me se precisares. Beijinhos.

Desligou. Não conseguia continuar uma conversa normal: nada era igual. A vida acabara de dar uma cambalhota. E ela, que julgara que o início daquela jornada fora o pico de aventura, via-se agora num beco sem saída. Procurou um papel e marcou outro número. Tocou poucas vezes.

— D. Margarida?

— A própria. — Parecia irritada. — Quem fala?

— Desculpe ligar assim… Bom, sou eu. Leo. A quem deu boleia há uns dias.

— Leo! — A irritação suavizou. — Está tudo bem?

— Sim, está. Quer dizer, mais ou menos. Olhe, estou a ligar, como me deu o seu número… eu sei que é um bocado inusitado, mas pensei…

— Rapariga, onde estás? Precisas que te leve a algum sítio, não é?

— É… mas só de manhã. — Engoliu em seco.

— Diz-me onde estás.

Leo explicou o melhor que conseguiu e desligou, ansiosa. Passaria o resto da noite fechada nos seus pensamentos, engasgada pela iminência. Mais tarde, quando Daniel já dormia, tirou uma folha branca da gaveta da cómoda e procurou a caneta.

O meu pai está a morrer e eu preciso de ti. Vou-me embora, no entanto. Pretendo voltar, se assim o desejares…

Foi sucinta, refreando a sua tendência para o exagero. Na verdade, queria que ele lhe trincasse a carne; que escorregasse no sal da sua pele sem que isso lhe provocasse vergões, mas apenas aquela breve sensação de justiça no corpo que se queria amado. Havia coisas que se escondiam na calada da noite e naquela, particularmente naquela, sentia-se tentada a camuflar o orgulho e a pedir-lhe que a impedisse de ir. Talvez fosse do tempo: as noites daquele início de verão gelavam-lhe a sensatez e exigiam-lhe a selvajaria de um corpo sobre o seu — sentia frio, e isso era suficiente para que se tomasse por louca. Ainda não se haviam experimentado, e queria que Daniel lhe apertasse os braços contra o colchão, sem a força bruta de quem não cuida, mas com toda

a serenidade que parecia ter naqueles momentos. E ela, nua e volátil, esqueceria as regras do jogo. Enovelar-se-lhe-iam os olhos como se os tapasse com bocados de algodão, nuvens, quem sabe. Há quanto tempo não se sentia assim?

A manhã aproximava-se e, com isso, o prenúncio de uma enorme angústia. Durante o dia era mais fácil viver na tragédia. A pressa da vida fê-la esquecer-se de si própria, mas não totalmente. Tinha-se encontrado em pequenas coisas e graças à sua força. Daniel fazia parte, mas, pela primeira vez, era tudo graças a ela e nada devido aos outros. Sempre vivera pelos outros. Pelo apego dos outros. Pelas migalhas dos outros.

Sempre fora uma menina no quarto.

O que percebia é que fora, toda a vida, apenas uma página desinteressante de um livro, que se lia de corrida, de fôlego cansado e sem paciência. Quiseram que ela fosse isso. Mas não o era e percebia, agora, que era livro. De cabeceira.

Queria que Daniel a olhasse sem pudor. Gostava disso. Gostava da forma como ele a olhava, quase como se a tocasse com as curvas dos olhos escuros, delicadamente esticados para cima. Apetecia-lhe gritar de desespero porque, finalmente, se encontrava e, ao mesmo tempo, o destino trouxera Daniel até si. Uma espécie de adenda.

Complementos.

Um mais um.

SMS

Leo: *Preciso de te contar uma coisa do passado, algo que nunca tive coragem para fazer.*

Vitória: *Não me assustes… O que é?*

2

Deixou o bilhete em cima da mesa da cozinha e saiu ainda nem seis horas eram. A madrugada pontuara-se pela sua febril insónia, colada à parede, de olhos postos na penumbra de Daniel, que dormia descansado. Depois de contar tudo a Vitória, por mensagem, porque sempre lhe fora mais fácil falar sobre as coisas por escrito, e de ter sentido um súbito alívio passageiro, passara pelas brasas, visitada por sonhos antigos, ela num carro, um ou dois anos, ao colo da mãe e, ao lado, um homem de rosto borrado. Não parecia o pai, embora lhe chamasse filha. E à frente, condutor e passageira, também a admiravam com amor. Queria conhecer-lhes os rostos, seriam tios? Amigos da mãe? Precisava de perceber quem a fitava com tanta devoção para se agarrar melhor à vida. Depois o sonho avançara à velocidade da luz e vira-se a casar com alguém, também de cara coberta, mas havia qualquer coisa na postura que a fizera acreditar ser Daniel.

Era uma história triste, aquela: um encontro tão desejado e arrancado de rompante. Não se lamentava, ainda assim. Sabia que voltaria. O fresco roçou-lhe os ossos e apertou-se ao único casaco que levara. Cheirava a orvalho e sobravam mais sombras do que claridade. Apesar da seca ibérica, a pior desde 1931, segundo lera, aquele local parecia viver numa bolha de relento.

Como se ela precisasse de ser regada.

Borrifada.

Inundada.

O caminho até à estrada levava uma boa meia hora. Quase sentia as tonturas de toda a embriaguez que a esperava. Não conseguia compreender que espécie de destino era aquele que lhe reservaram. Receava que Daniel acordasse, lesse o bilhete e decidisse sair para procurá-la. Quando Margarida chegou, Leo entrou no carro e suspirou. Afundou-se no banco, encolhendo-se, e deixou que as lágrimas a domassem enquanto era levada.

SMS

Leo: *Estou a caminho. Não sei como vou conseguir fazer isto...*

Vitória: *Fazes o que puderes. Se não conseguires, vais embora, pronto. Não és obrigada a isso…*

3

Correial parecia parado no tempo, tal era a sua identidade característica. Nada mudara, como se isso significasse que, fora dali, tudo podia correr na viagem do relógio, mas, no regresso, nada se havia alterado. Isso era doloroso para Leo.

— Como te sentes? — perguntou-lhe Margarida.

— Uma merda… — Era sincera.

Contou, muito pelas bordas, sobre a relação difícil, sem revelar detalhes, *os* detalhes. Margarida encarou-a, esbugalhada, e elogiou o sentido de lealdade. Não sabia se era necessariamente isso ou uma caraterística intrinsecamente estúpida de nunca querer falhar. Conversaram sobre o incêndio em Pedrógão Grande, notícia que Leo só conhecera ao entrar no carro, através da rádio sempre ligada. Até nisso começara a transformar-se, durante aquela viagem. Até pouco tempo antes, ansiara por saber todas as tragédias que aconteciam à sua volta. Não precisava de analisar muito para compreender que as dores dos outros iam colmatando as suas. O incêndio já causara quase quatro dezenas de mortos e ainda não estava perto de ser controlado. Se calhar, havia coisas piores do que voltar à casa do pai. Era por isso que se alimentava dessas notícias fatídicas: para nivelar o seu sofrimento.

Cheirava a zimbro.

Um cheiro que lembrava Fernanda, a mãe.

À medida que o carro avançava pela estrada, Leo ia reconhecendo todos os momentos de dor que deixara por ali: as escadas laterais à casa verde, onde tantas vezes provocara o vómito; a sombra da árvore

centenária, onde deixara o tempo passar para voltar a casa, o banco do jardim, tão carcomido e seu amigo. O sino da igreja tinha exatamente o mesmo clamor. Até a forma como o sol cobria as ruas era a mesma. Era uma vida que a aleijava.

— Quanto tempo ficas? — perguntou, por fim, Margarida ao virar para a estrada que Leo indicou, e que entrava, finalmente, na vila.

— Até ele morrer. Depois, sou livre. Verdadeiramente livre.

Houve um longo suspiro no ar, como se as palavras pronunciadas já significassem um funeral. Uma fatia de cimento desenrolava-se para lá da vista. O céu azul, bordado a branco nos cantos pelas nuvens, parecia comer, ao longe, a tira de estrada por onde o carro deslizava. A música ia alta, transbordando dos vidros meio abertos. Leo trauteava a letra, de semblante carregado e cabelos eriçados pela raiva que roía o seu coração. A vila fez-se ver quando pequenos cubos, de vários tamanhos, emergiram do horizonte, com as janelas que pareciam bocas.

Margarida estacionou à entrada de uma casa de estatura média e paredes gema de ovo. Havia um hotel ao lado, com piscina e alguns luxos, e várias casas menores ocupavam o restante da rua. As duas mulheres abraçaram-se, em silêncio. Do abraço, Leo pôde ver mais similitudes: as cortinas dançavam ao vento e um silêncio desolador queimava o impacto do regresso. Despediu-se e saiu do carro, respirando com dificuldade. Ao chupar o ar ansiosamente, como se guardasse os fios de oxigénio nas caixas do peito, sentiu várias espécies de dores.

A portinhola de ferro rangeu ao ser empurrada e os pés pisaram a erva que crescia ao abandono. Quando Leo chegou à porta gigante de madeira viu-se pequena, da altura em que a sua mão rechonchuda não alcançava o batente e ela ficava ali, a gritar pela mãe, que lhe abrisse a porta, que o preto da noite que a ladeava parecia sugá-la para o interior de um inferno escuro, tão escuro quanto um buraco. E aquele olho, grande e devorador, perto, demasiado perto. Lamentou, com um suspiro, e bateu.

A velha que abriu a porta encarou o chão. Não se cumprimentaram; apenas um murmúrio, um sinal de presença. Entraram e sentaram-se na poltrona gasta da sala. E o silêncio. Sempre aquele silêncio que já

fazia parte daquela casa, daquela família. Um silêncio podre que fingia uma tranquilidade.

Um silêncio que escondia segredos.

— Ainda bem que conseguiste vir — disse-lhe, por fim. — Quero que saibas que não foi ele a pedir. Liguei-te por minha iniciativa. Custa-me vê-lo assim.

— Como é que ele está? — perguntou Leo, as palavras empacotadas em anos de afastamento.

— A morrer — sussurrou Lina. — No fundo, penso que espera por ti para poder... — O choro cortou-lhe a voz. — Precisa do teu perdão. Ele não quer fazer tratamento, diz que não vale a pena...

Leo encarou a vizinha e experimentou um peso no corpo. Não sentia carinho ou compaixão, nem sequer qualquer identificação. Sentia, simplesmente, um peso, como se estar diante dela a tornasse obesa de memórias más.

— Como pode estar triste? — deixou escapar.

Lina Ricoto moveu os ombros.

— Sempre gostei dele.

Apesar de tudo…

— Vejo que nada mudou — suspeitava e confirmou. — Há alguém nesta merda de lugar que saiba o que aconteceu?

— Há segredos que são para ficar em família, Leo…

— Por mim, que morra! — praticamente gritou.

Levantou-se e procurou pelo quarto. Percebeu que Lina saíra de casa; um rato a abandonar o navio. Viu-o estendido sobre a cama, debaixo de meia dúzia de cobertas, com o rosto apagado e a respiração cansada. Instintivamente sorriu.

Sorriu para aquele que, em pequena, em vez de a proteger do escuro, a levava para um buraco ainda mais imundo.

Sorriu para aquele que tornara a sua vida tão miserável.

Sorriu, simplesmente, sorriu.

E fez questão de que ele visse esse sorriso de vitória, de guerra, de ironia.

Sorriu.

Não o perdoaria. Não lhe afagaria a testa ou diria que tudo o resto fazia parte do passado, que os segredos estavam deitados para trás das costas, que esqueceria as noites mergulhada no breu. Sorriu como quem bate, como quem cospe, como quem pisa e volta a pisar e a massacrar.

Sorriu e sentou-se como quem sempre esperara por aquele momento.

— Filha… vieste… — murmurou.

II
A figueira

2017
Algumas semanas antes

I

Walk in silence
Don't walk away, in silence
See the danger
Always danger

(Joy Division – *Atmosphere*)

A cadeira balançou duas vezes para a frente e para trás, deslizando ligeiramente. Leo pousou a caneca vazia de café e esticou os braços diante da cabeça, sem deixar de olhar para a fila de carros que se formava na estrada em frente à enorme janela nua.

— Com este trânsito nem me apetece sair — concluiu.

— Ficou combinado para as oito. — Olhou para o relógio. Iam entrevistar Salvador Sobral, no rescaldo da vitória no Festival Eurovisão da Canção. — Queres jantar primeiro?

Leo empurrou a cadeira com as pontas dos pés, fazendo-a girar em direção à voz rouca daquele homem. Fechou os olhos para imaginar que era ele quem rodava a cadeira, com delicadeza, sem vontade de desmanchar o silêncio que adormecia na redação, àquela hora. A primeira coisa em que reparou foi na bolsa atravessada ao corpo, com todos os aparelhos de que ele precisava para trabalhar. Ao pescoço, trazia a máquina fotográfica favorita, dando-lhe quase todo o charme. Jorge não era particularmente bonito, mas tinha uns olhos imensos e pestanudos e um sorriso de lábios cheios. Era enorme, talvez quase dois metros, e pesava, certamente, mais de cem quilos. Um dia, Leo perguntara-lhe se a sua altura lhe dava algum poder extra na fotografia. Nunca respondera. Devia ser agradável ver tudo acima dos outros.

— Não largas isso? — questionou ela, tentando fugir ao embaraço dos segundos que perdera a contemplá-lo.

— Nunca se sabe quando estará uma imagem pronta a ser fotografada. — Agarrou na máquina e apontou para Leo. — Não te mexas. O sol deixa-te o cabelo quase laranja. — Deu o clique. — Perfeito!

Ela permitiu-se sorrir, não que gostasse de oferecer o rosto àquelas oportunidades de recolha de defeitos, mas porque se encantava de cada vez que ele a tratava assim. Amornou-se à cadeira, deixando as costas tombar e as pernas escorregar até ficarem completamente esticadas. Fechou os olhos e suspirou. Apetecia-lhe *sushi*.

— E se encomendássemos comida para aqui? — sugeriu. — Ainda tenho de preparar o resto da entrevista.

— Por mim… — Ele abanou as mãos, pestanejando. — Piza?

— *Sushi*. — Leo ajeitou os lábios em forma de biquinho.

— *Sushi*. — confirmou ele, enquanto procurava o telemóvel no casaco. Olhou para a esquerda, confirmando a presença de mais alguém. — Cláudio! — gritou. — Cláudio, jantas connosco?

Cláudio espreitou através da porta de um outro gabinete, com os óculos de vista praticamente na ponta do nariz. Parecia transtornado, quase em súplica: nos olhos pousava uma película de água-viva. Fez sinal de negação e desapareceu no semiescuro do gabinete.

— O que se passa com ele? — questionou Jorge.

— Está apaixonado — suspirou Leo. — Outra vez…

— Pelo ator da semana passada? — Parecia divertido.

— Não. Pelo escritor que entrevistou ontem. — Ela revirou os olhos e abriu uma página da Internet. — Liga, então, para o restaurante que eu vou apontando para o que quero.

Jorge, sentado, dobrou-se em direção aos joelhos, colocando um cotovelo sobre um deles e, com a mão livre, procurou o contacto do restaurante. Era a quarta vez que encomendavam *sushi* na redação, para os dois. Namoravam há quase um ano, já fora pedida em casamento por ele e, ainda assim, ela não se apercebera de que ele detestava peixe cru. A culpa seria da falta de amor por parte de Leo, ou de Jorge que nunca se impunha nos seus gostos? Ela entretinha-se com a escolha enquanto o telefone tocava. Os cabelos soltos, castanhos, chamavam

a atenção do fotógrafo, descobrindo-lhe um sinal na nuca em que ele reparava pela primeira vez. Arrepiou-se com as possibilidades. Desceu os olhos pelas costas, detetando o sutiã talvez demasiado justo. A camisola de lã ficava ligeiramente acima das calças, deixando antever uma pele branca e o leve início da roupa interior, em algodão preto. Jorge levou a mão à testa e sacudiu o cabelo farto, quando foi salvo pela voz da funcionária do restaurante. Orientou-se pelo dedo de Leo, arregalando os olhos quando se apercebeu de que a escolha ainda não estava concluída.

— Bem, isso é que é fome! — sorriu, ao desligar a chamada.

Doeu-lhe. Doía-lhe de todas as vezes que alguém reparava no seu apetite voraz em algumas situações. Toda a vida se forçara a imposições e encarceramentos e, embora soubesse, em teoria, que o corpo jamais deveria ser uma prisão, não se libertara dessas cordas. Queria ser feliz ao máximo, mas só o era às vezes. Apertou as coxas e ajeitou a cadeira à secretária.

— Quanto tempo demoram? — Tombou ligeiramente o pescoço e encarou Jorge.

— Quarenta minutos.

— Ótimo. Dá-me tempo para preparar isto. — Abriu o documento no computador e endireitou as costas.

Não comia piza há muito tempo, provavelmente desde que o avô falecera. Ainda não conseguia comer, porque era uma memória demasiado próxima ao avô, fazendo-a sofrer. Naquela altura, raramente encomendavam comida, porque a avó Inês não abandonava os tachos. Era até uma afronta. Porém, naquele dia, a avó ausentara-se e havia fome. A fome era uma coisa engraçada, pensara. Começava ligeira, sem grandes contornos, e depois tornava-se a coisa maior do mundo. Um abraço de bocas vorazes dentro da barriga, às cambalhotas. O avô Dúlio marcara o número da pizaria e pedira uma familiar, simples, só de queijo, sem saber muito bem o que isso significava, mas ele e Leo eram família, família apertadinha, e isso bastava. Na espera, ficaram a olhar um para o outro, costas direitas na cadeira do alpendre, e a fome imensa a crescer. Não falaram e sorriam, na cumplicidade dos enigmas, e Leo só sabia imaginar como seria retirar o triângulo, sentir

a elasticidade do ingrediente principal, a acidez do tomate maduro, a massa fininha e ainda enfarinhada. Fechara os olhos e lambera os lábios, de mãos no estômago: uma feliz antecipação. Pensava constantemente em comida, em saciar-se nela. A piza chegara, numa caixa, gigante como era gigante a fome, e ficaram-se por ali mesmo: costas direitas na cadeira e família apertadinha em redor de um círculo de queijo viciante. Dúlio não quisera admitir, porque havia segredos que podiam ferir quem se ama, mas aquela piza sabia à melhor coisa dos últimos tempos.

2

Leo jogou as chaves para cima do sofá e tirou os sapatos. Diante do espelho, alisou as rugas recentes aos cantos dos olhos e beliscou as bochechas. Não sabia bem a razão para fazer isso, mas era uma espécie de ritual sempre que admirava o seu reflexo. Reparou na mancha de molho de soja na camisola e sorriu, ignorando o facto de ter entrevistado Salvador Sobral com uma enorme nódoa na camisola.

Aos trinta e oito anos, não sabia quem era. Dito assim, de sôfrego, poderia parecer trágico, quase impossível. Mas as verdades eram, normalmente, trágicas e impossíveis. Vivera a maior parte da vida em detrimento dos outros. Arrependia-se disso. Queria ter experimentado o amor voraz; queria ter experimentado o compromisso da satisfação do prazer, sem pensar nas consequências. No entanto, fechara-se ao mundo, não sabendo ser o tudo de alguém e não conseguindo que completassem o rasgão que sentia.

Conhecera Jorge há mais de dois anos, altura em que a revista o contratara. Simpatizaram logo um com o outro. Ele, divorciado, quase dez anos mais velho e com três filhos a reboque. Nada que a assustasse, porque compreendia que as pessoas eram carregadas de passados, e não seriam eles que determinariam o presente. Jorge tinha um bom coração. Sentira muito medo de se entregar, e nunca o fizera completamente, marcada pelos anos de relacionamento com Luís, primeiro e único namorado até então, e pelo desgosto que sofrera, depois, com Fausto. Por isso, namoravam às escondidas de toda a redação. Quase casaram, um noivado marcado pela tragédia ainda muito recente, e ela

apenas permanecera naquele relacionamento, porque ainda não conseguira dizer adeus.

No quarto, livrou-se da roupa e aqueceu-se ao pijama. Não se preocupou em arrumar, porque a empregada ia duas vezes por semana e tratava de tudo. Precisava de um copo de vinho e de companhia. A depressão crónica era péssima companheira e seria tão fácil cair nos vícios do álcool ou das drogas. A comida servira-se dessa possibilidade, daí o seu distúrbio alimentar. Entrou na cozinha, sem acender a luz, e preveniu-se para a meia hora de chamada que chegaria dali a sete minutos exatos: uma garrafa de vinho tinto, um copo gordo e uma mão-cheia de frutos secos. Arrastou-se até ao sofá, sempre às escuras, e acendeu a televisão, procurando o *VH1*. Ajeitou o volume ao ambiente calado e enroscou-se.

O primeiro gole de vinho era sempre perfeito; quase um beijo muito desejado. Experimentou duas nozes e espreitou para o relógio sobre a mesa. Cláudio estava atrasado. Cerrou os olhos por breves momentos e o sono manejou-a, amolecendo-lhe o corpo, com um ligeiro tombo da cabeça. Sentiu os dedos molhados pelo vinho que derrubava na fragilidade do sono. Lambeu-os e corou, de imediato, perante a visão lasciva que seria a sua língua a sugar os dedos de alguém. Seis minutos atrasado. Não era comum. Pegou no telemóvel.

— Amiga… — Atendeu uma voz embrulhada.

— O que se passa?

— Amiga, mil desculpas… — Ouviu-se, ao fundo, uma música calma e o som de pratos e talheres.

— Trocaste-me? — Desfez-se da preocupação. Apoiou os braços aos joelhos, colocando a cabeça entre eles. Uma dor afogou-a. E a tristeza habitual começava a aparecer. Não se apercebeu de que ia no segundo copo de vinho. A gargalhada que ouviu, ao longe, deu-lhe vontade de chorar. — Com quem estás?

— Código *Top Secret*. Conto-te tudo amanhã. — Estalou a língua. A gargalhada distante tornou-se mais próxima. — Estás bem?

— Estou. — Não estava, mas não queria estragar a felicidade do amigo. — Estou muito bem. Vejo que tu também. — Isso alegrava-a, honestamente. — Falamos amanhã, então?

— Conta com isso — ciciou ele como se, naquele preciso instante, a companhia o acariciasse na calada da distância. — Dorme bem.

— Tu também… — Leo sentiu um certo desconforto. — Beijinhos.

Desligou antes que a intimidade que Cláudio partilhava com outra pessoa se tornasse incompreensível. Pousou o copo no chão e esticou as pernas. Na televisão, um videoclipe de Madonna ia a meio. Não gostava daquelas músicas que a faziam recuar no tempo. Desligou o aparelho e decidiu não sair dali. O bom de estar sozinha é que podia dormir onde lhe apetecesse. Comprimiu os olhos e pensou em Jorge, que só deveria chegar um par de horas depois.

A mancha de molho de soja dificilmente sairia. E era a sua camisola favorita. Haveria alguma coisa na sua vida que não estivesse manchada?

Os segredos têm pontas soltas e a piza que pedira, em segredo com o avô, também deixara uma mancha na camisola favorita de Leo. Não reparara na nódoa de gordura, estrategicamente posicionada na linha do queixo, a pista perfeita para as investigações da avó. Chegara duas horas depois do repasto, ainda se encontravam, avô e neta, combalidos pelo tamanho da saciação da fome, de costas direitas na cadeira e um ar de contemplação das coisas. *Credo, que caras são essas?*, dissera, as mãos cheias de sacos e o cabelo sempre bonito, preso ao cimo da cabeça. *Cara de quem tinha saudades tuas*, tentara Leo, motivada a não desvendar o proibido. *E essa nódoa na camisola? É o quê?*, perguntara a avó, de olhos pontiagudos. A Dúlio escapara um risinho e Leo fizera-se muito vermelha: tanta luta para esconder a caixa do crime, para limpar as farinhas e os pingos de molho dos beiços para, no final, sobrar uma mancha na camisola favorita. *Desculpa, avó, não te consigo mentir, encomendámos uma piza*, expusera ela de sôfrego, como devem ser ditas as coisas más.

3

— Gosto tanto de ti — disse-lhe Jorge, de sôfrego, como devem ser ditas as coisas boas.

Leo não respondeu de volta. Há poucas semanas, quando desmancharam o noivado, avisara-o: um dia, deixo-te. Ele acreditara e, por isso, não insistia em correspondências. Cerrou as pálpebras e deixou-se ficar naquele momento em que ele a tomava nos braços.

— Quero fotografar-te. — Beijou-a, outra vez. — Uma sessão a sério. Quando podes?

— Não sei. Um dia. — Envolveu o pescoço dele.

Provavelmente gostaria de ficar com recordações de Leo assim que a promessa se fizesse cumprir. Ouviram passos. Desapegaram o abraço e Leo limpou a boca. Jorge endireitou o casaco e ela voltou à cadeira.

— Parabéns! — Cláudio ficou parado entre o corredor e o gabinete. Olhou para o casal com um semblante de dúvida e repetiu. Era o único que conhecia a relação. — Parabéns, Jorge.

— Obrigado, miúdo.

Chamava-o assim, sempre, e Cláudio adorava, porque fazia-o recuar uns anos na idade verdadeira.

— Vão fazer alguma coisa hoje? — perguntou.

— Ele ainda não decidiu. — Leo sorriu para ambos.

— Vão mas é divertir-se os dois. — Cláudio piscou o olho a Jorge.

Mas para quê se o final parecia tão próximo?

— O que achas? — Jorge aproximou-se da janela. — Está sol…

Jorge sabia que não restavam muitos dias, mas sempre fora perito em desviar as verdades. Fazia-o com a facilidade de um bom ator. O seu olhar perdia-se nas paredes e era como se ele sonhasse enquanto falava. Leo ficou-se a vê-los conversar sobre uma reportagem grande que sairia em breve.

Naquela manhã, um ataque de pânico afugentara-a de casa. Aquelas paredes estavam cheias de recordações que absorviam a sua energia. Sentira-se nada lá dentro, mas, ao mesmo tempo, sentira-se tudo. Enlouquecia enclausurada no seu próprio corpo que, às vezes, não lhe pertencia. Há coisas que acabam quando as nossas pessoas nos fogem.

Somos sem ser.

Leo era sem ser.

Fizera exercício, uma tentativa de corrida. Não sabia há quanto tempo não o fazia, mas os pulmões denunciaram a sua fraca resistência. Ou, então, era o mundo que lhe lambia a verdade: ela não existia e, se não existia, deveria ficar quieta, em algum sítio onde ninguém a pudesse ver. As pessoas não eram obrigadas a presenciar fantasmas. Perguntava-se por si, nessas alturas. Perguntar-se por si era o mesmo que dizer que nem sempre se sentia viva. A paisagem atropelara-a. As árvores que ladeavam a estrada tropeçaram aos seus pés. Vira apenas sombras a escorrer pelos cantos dos olhos. Não se permitira observar a beleza das coisas. Morava, muitas vezes, numa redoma negra que a cobria como um manto pesado e escuro.

Interrompeu a vertigem de pensamentos quando Cláudio bateu com a porta do gabinete. Ainda lhe devia explicações sobre a noite anterior. Jorge decidiu que almoçariam em Pardalinho.

— Até é melhor — murmurou Jorge ao deixarem a redação.

— É melhor o quê? — Ela sabia a resposta.

— Irmos só nós…

Saíram perto do meio-dia. Tinham a tarde livre, desde que compensassem depois. No interior de Leo havia a certeza de que aquela curta viagem significava uma despedida. Entraram no carro em silêncio e percorreram metade do caminho, concentrados nos próprios pensamentos. Jorge, de vez em quando, cantarolava as músicas que passavam na rádio. Sorria-lhe. Perto da indicação de um motel, Leo abrandou e

ele colocou a mão na perna dela. Era inevitável que se despedissem da melhor forma possível.

Leo tinha conhecimentos profundos sobre despedidas. Soubera que era uma despedida, muitos anos antes, ainda antes de tirarem a roupa um ao outro. Ele chamava-se Luís. Experimentara-se a fechar os olhos e a fingir que tudo seria possível depois de estarem juntos, que ele a pediria em namoro e a apresentaria aos colegas de turma. Estavam no quarto de Luís, desarrumado e com um cheiro intenso a chulé. Tentara desapegar-se desses pormenores, só queria experimentar e saborear a sensação que ele colava aos seus lábios. Gostava dele há tantos meses e nem uma nota de reparo. Sentira-se invisível sempre que passavam lado a lado, sem qualquer réstia de olhar. Até ao dia em que se sentaram no mesmo banco, no autocarro. Ele perguntara-lhe qualquer coisa como: *Também andas lá na escola, não é?* Leo dissera que sim, ele chocalhara os ombros, metera os auscultadores, provavelmente a ouvir o recente *Nevermind*, dos Nirvana, e não falaram mais. Para Leo aquela pergunta seria suficiente, sinónimo de que fora notada, de que ele já a vira anteriormente e, por isso, sorrira, com a cabeça encostada à janela. *Queres vir até lá a casa?*: o pedido tinha um tom de indiferença, mas isso não importara. Dissera que sim, praticamente num salto, e seguira-o pelo passeio, sem trocarem uma única palavra. Leo sentira-se nervosa. Aos treze anos nunca estivera com um rapaz. Perdera a noção das coisas em volta, como o estado do tempo e as horas, o que fizera antes e o que faria depois. Sentira o sabor a ferro na boca e percebera que mordia a bochecha por dentro. Caminharam depressa e, a determinado momento, ele dera-lhe a mão e puxara-a para uma casa pequena, sem vizinhança e com um cão acorrentado que ladrava muito. E ali estariam eles, num quarto fedorento e com música nada propícia a momentos daqueles. Não falaram, apenas se beijaram com sofreguidão e ela já sabia que era uma despedida, uma entre milhentas, naquela relação. *Até que és bonita*, dissera-lhe, antes de a empurrar para a cama. Sentira alguma dor e desconforto, mas era como se não pertencesse àquele corpo nu que ele insistia em dominar. Ouviam Motörhead, um álbum novo desapropriado para a ocasião, demasiado alto e agressivo para as descobertas do desfloramento, e Leo que preferiria tanto que ele deixasse

tocar qualquer uma das TLC. À terceira tentativa, Luís desistira. Leo quisera chorar, não sabia se por não ter conseguido entregar-se, se por arrependimento; sabia apenas que todos os movimentos tinham sentença de despedida. Se ele contasse na escola o que acontecera ali, as pessoas seriam cruéis. O melhor era esquecer o assunto, ignorar os comentários que fossem feitos, nunca mais olhar para ele. Sentira-se suja. Tão suja quanto *ele* a deixava. Vestira-se o mais rápido que conseguira, enquanto Luís contava até dez para que ela saísse.

Em casa, telefonara a Vitória para que se encontrassem, para ter onde se agarrar e chorar. A amiga não demorara a concretizar o seu papel, levando chocolates e praticamente nenhum conselho, pois sabia que aqueles momentos deveriam ser única e exclusivamente de expurgação. Os conselhos ficariam para depois.